

Germinál



N.º 17—ANO I

2 de Maio de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avalso 1 ct. (10 rs.)—Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Primeiro de Maio

Ao escrevermos estas linhas, não sabemos o que será o primeiro de maio deste ano; mas é de presumir que este dia decorra como tantos tem decorrido.

Mais um dia de festa para uma grande parte da população; e pelo caminho que as coisas tem tomado, não nos devemos admirar que daqui a alguns, poucos, anos o dia primeiro de maio tenha substituído por completo, neste país de livre-pensadores alegres e despreocupados, o famoso «dia da espiga», que, com a decadência dos costumes católicos, vai perdendo o character de dia de festa pagã, que o tornava algo interessante.

Actualmente ainda alguns renitentes á evolução das coisas pretendem fazer do primeiro de maio, um dia de afirmações revolucionárias, demolidoras da velha sociedade, falando em Justiça e direitos do proletariado; ainda se botam uns manifestos a convidar os trabalhadores para os comícios, onde os oradores se esforçam por entusiasmar a massa dos ouvintes, entre os quaes uma grande parte lamenta não ter ido com outros para as hortas passar a tarde alegremente. E, o que é peor, ainda se aproveita este dia para se fazerem conferencias, muitas conferencias, onde se prégue sabiamente, de copo d'agua ao lado, a melhor forma de acabar com esta sociedade de exploradores. As palavras dos conferentes são ouvidas com atenção e aplaudidas pela assembleia, composta de pessoas que ha muito tempo sabiam aquilo tudo e até ás vezes muito mais, emquanto que os outros, os que não sabiam nada daquilo, aquêles para quem a conferencia fôra afinal feita, estão no baile ou no animatógrafo,

dando á perna nas polkas ou rindo das facecias do Bigodinho... e a cem legoas das reivindicacões sociais.

E entretanto os burgueses esfregam as mãos de contentes, ao verificarem que o temível «primeiro de maio» se transformou completamente em seu favor, a ponto de já ser, em grande parte, um dia de feriado official. Mais um ou dois anos e será um «dia santo» republicano, com feriado para todos: burocratas, estudantes, operarios do Estado, etc.

Eis porque não deve haver meio termo no que respeita á celebração do primeiro de maio. Ou o operariado sente a força e o entusiasmo necessario para retomar a orientação que fazia com que este dia fosse pela burguesia encarado com desprazer, ou abandone-se de todo para se evitar o que é actualmente: protesto dum lado, festa do outro, de tudo resultando uma salada desenxabida.

A amnistia

A comissão pro-presos por questões sociais, tem-se occupado activamente da amnistia ultimamente concedida pelo governo, junto do presidente do ministerio e outros ministros, para a tornar extensiva aos presos por questões sociais.

Ha toda a esperança em que se consiga que esses presos sejam postos em liberdade, devendo-se decidir o caso em poucos dias, se não foi já decidido.

Se a antiguidade nos deixou classicos, isto é, espiritos cujos escritos brilham com imortal juventude atravez dos séculos, isso provem de que, entre eles, escrever livros não era uma questão de commercio.

Schopenhauer

Questão mal posta

Num artigo de Malatesta — o primeiro duma serie — publicado na *Aurora* (25-4-915) e intitulado *A nossa tarefa*, entre afirmações de ordem geral, ha as seguintes palavras, como argumento, a proposito de haver governantes mais despotas do que outros:

«Na pratica, para nós o pior governo é sempre aquêle sob o qual nos achamos, aquêle contra o qual mais directamente combatemos.»

Quando os cosacos da Italia assassinam os manifestantes, invocamos a revolta contra eles e contra o governo que eles servem; e não estamos a pensar que na Rússia, em circunstâncias semelhantes, teriam matado maior número de pessoas.»

Isto é verdadeiro mas não responde á pergunta, na qual se pode concretisar a questão: entre dois regimens governamentais, v. g. o italiano e o russo, qual se prefere?

E' claro que ás violencias dos governantes italianos se não responde pensando que na Russia pode ser ou é peor; mas esse não é o caso dos francezes, por exemplo.

Os alemães não estão só na Alemanha; estão em França, matando e devastando e sem olhar a governantes e a governados. Na pratica, para os francezes o peor governo agora, é o alemão. Se neste caso se applicasse a maneira de ver de Malatesta deviamos dizer:

«Quando os cossacos da Alemanha pilham e assassinam, não só manifestantes mas todos que se encontram no seu caminho, invocamos a revolta contra eles e contra o governo que eles servem, e não estamos a pensar que o governo francez já nos tem maltratado por todas as formas.»

E' claro que, nesta altura, o leitor que não concorda diz logo:

«Mas para isso temos que nos aliar com o governo francez e nesse caso não queremos fazer o jogo deste». E é por isso mesmo que, dizemos nós, nessas condições se fica de facto neutro, embora se afirme

que não, teoricamente, e se fica de facto na situação em que ficaríamos os que no exemplo de Malatesta, não se insurgissem ou não protestassem contra a violencia governamental, por haver peor, algures.

Como realizar o «entendimento»?

A proposito do artigo que no dia 11 do mez passado publicámos com o titulo *Agua mole*... escreve-nos um camarada, apoiando o que nêle diziamos e reforçando o seu modo de ver com as seguintes palavras:

«O momento é dos mais graves e o dia de amanhã apresenta varios sintomas, alguns dos quaes nos podem ser funestos, se nos não soubermos conduzir, se nos não entendermos hoje.

Que se impõe, pois? Segundo a minha humilde opinião, isto, mas já: reuniões aturadas onde todos nos vamos encontrar, como amigos, para a solução de um problema: a união dos chamados elementos avançados, riscando do quadro a interrogação lá escrita.»

Sabemos que ha mais camaradas que pensam da mesma forma que o camarada que nos escreveu. A ideia de reuniões ou de uma reunião anda muito generalisada. Ha conveniencia na sua realização?

E' preferivel que se faça uma reunião ou varias?

Essas reuniões devem ser para, como dizem certos camaradas, nelas se trocaram impressões sobre a situação em geral, ou devem nelas ser tratados assuntos especiaes, concretos?

Qual é mais conveniente: muita ou pouca gente nas reuniões?

Ahi ficam essas perguntas que a questão nos sugere e que podem constituir, parece-nos, elemento de estudo da situação para aquêles que pela questão do entendimento se interessem, de forma a que este ultimo seja realizado nas melhores condições possiveis.

Acidentes no trabalho

VII

Falei-vos no outro dia nas disposições do art.º da lei e fiz-vos notar como nelas se esquece absolutamente o elemento *inferiorização*, como só se faz referência á *incapacidade* nas suas diversas modalidades (absoluta, parcial, permanente e temporaria).

Não se destinando estes artigos — mais uma vez o lembro — a fazer um comentário jurídico rigoroso, mas simplesmente a pôr em destaque algumas das arestas mais contundentes da lei, a agitar ideias e pontos de vista, de admirar não é que se não sigam todas as disposições que a constituem. Muitas ficarão de parte.

Hoje vou simplesmente falar-vos dum ponto que ainda se relaciona com o que vos disse no artigo anterior.

Diz o artigo 8.º da lei no seu § 1.º:

«Para os operarios de menos 16 anos e para os aprendizes, quer estes ultimos recebam salario quer não, será a indemnização calculada, no caso de incapacidade definitiva, pelo salario do operario válido da mesma categoria e da mesma empresa, que o tiver menor.»

«No caso de incapacidade temporaria e quando recebam salario, terão igualmente direito a indemnização que será calculada, segundo o mesmo principio, não podendo, no entanto, exceder em caso algum este salario.»

Ora, temos aqui dois pontos importantes. Um deles é este, que já deve ter surpreendido aquêles leitores que tenham seguido com atenção (se é que os ha...) as considerações aqui feitas anteriormente: Introduziu-se na lei o principio do mero risco profissional. Por êle o patrão é obrigado a indemnizar (de uma forma ou doutra) os individuos que tenha ao seu serviço e que tenham sofrido as consequências de um acidente durante o trabalho ou no local do trabalho. Porque motivo não se respeitará convenientemente esse principio? Porque sofre êle restrições? Porque razão os que trabalhem e ao mesmo risco estejam sujeitos mas não recebam salario (certos aprendizes) não hão-de ter direito a indemnizações quando a incapacidade fôr temporaria? Porquê?

E' que na lei, acima desse principio, está a base do *salario* pelo qual são determinadas as indemnizações, só sofrendo essa base um desrespeito quando a incapacidade fôr permanente, pois, nesse caso, o *generoso* legislador consente que os aprendizes sem salario sejam... gente, estejam tambem sujeitos ao risco da profissão que exercem e hajam direito a indemnizações...

O outro ponto é o seguinte:

Aparece um outro elemento a determinar a indemnização. E' a *idade*. Se o operario ou empregado tiver menos de 16 anos (desasseis anos menos um mez, por exemplo) qualquer que seja o genero de trabalho e quaesquer que sejam a sua actividade, competencia, habilitação e responsabilidades familiares (pode ser ele o sustentado de paes velhos ou inutilizados, de mãe viuva e de irmãos pequenos) não tem direito a qualquer indemnização maior do que a acima exposta.

A que titulo semelhante restrição?

Deixo-vos á mercê dessa interrogação. E, sobre este ponto, não incidirei mais. Temos mais de que falar para avaliarmos das intenções da lei, das suas disposições contraditorias, do seu alcance social e da necessidade da sua modificação para... menos má.

Sobral de Campos.

O «nosso» Xavier

No *Diario de Noticias*, começa êle assim sobre o congresso de Ferrol.

«Que ancia da paz estão demonstrando varios individuos que outrora eram os que preconizavam toda a violencia!»

O anarquista Sebastian Faure que sempre pregara a liquidação dos burgueses e que teve secretos enternecimentos pela quadrilha Bonnot, aplaudindo os attentados da «acção directa», isto é, a dinamite de Ravachol e o punhal de Caserio, é agora o organisador dum famoso Congresso pacifista que terá lugar no Ferrol, — em que se pretende pela greve geral e «outros meios», achar a maneira mais rapida para terminar, agora, a actual guerra.»

E vae por ali fóra, sempre no mesmo tom. Assim começou, assim tem continuado, assim ha-de acabar; não tem emenda.

Aclarando

No *Jornal da Noite*, (27-4-915) Carlos Rates, referindo-se ao movimento operario, sobretudo ao do Alemtejo, depois da greve de janeiro de 1912, diz:

A população operaria não encontrou, porém, mentores á altura da situação. Os dirigentes da organização operaria estavam imbuidos de preconceitos politicos ou philosophicos. E' em republicanos, socialistas ou anarquistas, nunca sindicalistas.

Assim o desenvolvimento da organização operaria trazia já no seio o germen da sua desagregação.

Os sindicatos profissionais obedeciam uns aos republicanos, outros aos socialistas e a maior parte aos anarquistas, porque o que se fez com o nome de sindicalismo revolucionario não passou de anarquismo sem contra-facção nem mistura.

Mais adiante; falando dos dirigentes perseguidos diz:

«A nós que tivemos uma grande influencia na organização rural e que por largo tempo a orientámos...»

Parece que ficam assim definidas a orientação e as respectivas responsabilidades de quem diz estar onde sempre esteve, quando repudia o sindicalismo que visa á transformação social pela abolição do Estado.

A PROPOSITO DA GUERRA

O dever dos neutros

Um novo artigo de J. Grave na Bataille Syndicaliste (de 2-4 915) que transcrevemos na integra, não só porque contribue para definir cada vez mais claramente, as opiniões que temos defendido no Germinal, mas porque aborda um ponto—a attitude dos países neutros—duma forma interessante. Segue o artigo, que tem o titulo que em cima se lê.

«Tão profundamente adversarios eramos da guerra, que tinhamos chegado a tomar os nossos desejos pela realidade e a crer—lantas vezes as ameaças tinham abortado—que a guerra se tornara impossível.

Por isso os acontecimentos desnotearam-nos. E' inegavel que quanto mais a guerra se tivesse adiado mais improvavel ela se tornava; que se se tivesse podido ganhar alguns anos, o partido da paz teria podido açamar o militarismo.

Infelizmente este ultimo tambem sabia isso; e por isso mesmo, o Estado maior alemão, apesar de certas apreensões que o deveriam ter detido não duvidou em desencadear o conflito, de tal forma estava inchado com a sua superioridade.

Seja como fôr, apanhados entre os seus principios, as suas afirmações e a rapidez dos acontecimentos, os anarquistas fizeram triste figura.

Dezanove linhas de censura.

Se a agressão partisse do governo francês ou se ele se tivesse lançado na guerra para apoiar esse agressor, não ha duvida de que o dever dos anarquistas era de se recusarem a tornar-se cúmplices duma iniquidade — dever que incumbia aos social-democratas, se eles tivessem sido verdadeiros socialistas em vez de saltimbancos da politica. O numero enorme de quatro milhões de eleitores que êles accusam, permitia-lhes fazerem ouvir á sua casta militar uma advertência que não devia ser para desprezar.

Mas a agressão — isto é incontestavel — vinha do governo alemão, que, tendo preparado, organizado e desejado esta guerra e julgando proprio o momento de a começar ou recendo perder para sempre a boa ocasião de a desencadear, se deixasse aos partidarios da paz tempo para se entenderem, fazia invadir e devastar a Belgica, cuja neutralidade jurara respeitar e defender, tratava de invadir a França ao mesmo tempo que lhe fazia chegar a declaração de hostilidades, antes de saber qual seria a sua attitude.

Eis porque a attitude dos social-democratas é indesculpavel e ficar-lhes-á uma nodoa indelivel de perjurio e duplicidade.

Fazer o jogo dum agressor, qual quer que seja o nosso horror pela guerra, fazia parte do papel dos anarquistas, digam o que disserem os não intervencionistas?

Sobretudo quando esse agressor organisou um militarismo apto para a conquista e para a dominação, quando se sabe que o ideal confessado desse militarismo é curvar toda a Europa sob o seu jugo, quando se sabe que desde ha quarenta anos, a educação desse agressor foi dirigida com o fim de o levar a julgar-se superior moral e intelectualmente, em forças e em todos os sentidos, a todos os outros povos.

Se na rua virmos um atlecta, musculoso, armado até aos dentes, atacar sem provocação, um homem mais fraco e desarmado, o nosso primeiro movimento — assim o creio pelo menos — será o de tomar partido pelo mais fraco, por aquele que consideramos como victima dum ataque injustificado, sem nos occuparmos da nacionalidade dos contendores.

Na guerra actual, encontramos nos exactamente no mesmo caso, salvo que em vez de individuos se trata de colectividades. Isto é suficiente para embaralhar a clara noção das coisas no en-

tendimento de certos camaradas nossos.

Coalisar-se contra o agressor é, na opinião deles, fazer patriotismo. Com este modo de ver, toda a nação agressiva e conquistadora podia dar livre curso aos seus instintos de mercinino, rapina e dominação, visto que defendermo-nos contra os seus ataques seria abrir brecha nos principios anti-militaristas. Por que quimica do pensamento, deixar o imperialismo livre de dar curso aos seus instintos de ave de rapina, de, por onde passa, tudo destruir e tudo massacrar, se tornou um preceito humano? Não encontro resposta. Os nossos camaradas belgas e os dos departamentos invadidos talvez pudessem dizer alguma coisa a esse respeito.

Sem duvida, a agressão alemã forneceu aos nossos nacionalistas, — sobretudo aos que tendo ultrapassado a idade da mobilização, podem, sem risco, ao canto do lume, desenvolver os seus sentimentos belicosos — recomencem com as suas insanias sobre o antagonismo das raças e outras barbaridades; isso não podemos nós impedir-lo. Os acontecimentos nunca são tão simples como supomos e sobretudo como desejamos.

O facto brutal não deixa de ser o que é em si mesmo: a Europa arrastada á guerra para não se ver subjugada pelo militarismo de ferro que souhou domina-la.

Alem de que eu entendo que os anarquistas devem encontrar-se sempre com os oprimidos contra os opressores, — mesmo quando esses opressores são estrangeiros (isto pode parecer demasiado banal, mas é preciso pôr os pontos nos *i*) sou de opinião que o triunfo do militarismo alemão teria sido um recuo para a humanidade.

Pode-se afirmar á votade que — filosoficamente — todos os governos se equivalem; isso não é verdade senão nas lutas eleitorais. Em face do golpe de Estado duma reacção, em face duma conquista, que é um golpe de Estado vindo do exterior, nenhum revolucionario pode conservar-se indifferente.

Numa luta em que os nossos camaradas de sofrimentos e de miseria se acham englobados, e cujo resultado pode trazer para a humanidade um acrescimo de militarismo ou o fim do pesadelo, que ha mais de quarenta anos pesa sobre a Europa, deviamos, mau grado nosso, ser arrastados na lucta.

(Continua).

Figuras da Social

Já se encontra á venda, nos locais onde o *Germinal* se vende, o primeiro folheto desta colecção, consagrado como noticiámos a Eliseu Reclus.

As palavras de Teofilo Braga, que se lêem no frontespicio, definindo em certo modo os intuitos das *Figuras* — simples registo historico para ensinamento proprio e alheio, jámais glorificação fetichista de qualquer vulto, por maior que o consideremos — vão propositadamente ao encontro de reparos acaso já formulados e prontos a aparecer, da banda dos leitores mais renitentes a genuflexões ferverosas ou a outras formas semelhantes de admiração.

O novo folheto, ilustrado com duas gravuras, contém um artigo de Kropotkine, trechos de Reclus e varias notas, e o seu custo é de 2 centavos.

Quaisquer pedidos devem ser dirigidos á administração do *Germinal*.

CANCIONEIRO

Vem, ó Maio, saúdám-te os povos,
em ti colhem viril confiança;
vem trazer-nos cerulea bonança,
vem, ó Maio, trazer-nos dias novos!

Vibre o hino de esperanças aladas
ao grão verde que o fruto matura,
á campina onde a messe futura
já flori sobre as negras queimadas!

Desertai, ó falanges de escravos,
da lavoura, da negra oficina;
um momento de tregua á fachina,
ó abelhas roubadas dos favos!

Levantemos as mãos doloridas,
e formemos um feixe fecundo;
nós queremos remir este mundo
dos senhores da terra e das vidas.

Sofrimentos, ideais, juventudes,
primaveras de turbido arcano,
verde maio do genero humano,
dai coragem aos animos rudes!

Enflorai ao rebelde caído,
com os olhos fixando o nascente,
ao obreiro que luta fremente,
ao poeta gentil, esvaído.

Original italiano de Pedro Gori, para se cantar com aria do côro da opera «Nabuco», de Verdi.

A canção da camisa

Sentada, coberta de farrapos, com os dedos fatigados e gastos, pesadas e vermelhas as palpebras, está uma pobre mulher puxando a agulha e a linha. Cose, cose, cose! No meio da pobreza, da fome, da lama; e contudo, numa voz de timbre doloroso, canta a *Canção da Camisa!*

Cose, cose, cose! Enquanto o galo canta ao longe! Cose, cose, cose! Até que as estrelas brilhem através das fendas do telhado! que grande mal é, pois, o de ser escrava entre os turcos barbaros, ali onde a mulher não tem alma a salvar, se isto é o trabalho de uma alma cristã!

«Cose, cose, cose! Até que no cerebro passe a vertigem. Cose, cose, cose! Até que os olhos se tornem baços e se abram a custo! A nesga, a bainha, a préga; a préga, a nesga, a bainha, até por fim cair adormecida sobre os botões e pregá-los no meio de um sonho!

«O' homens, que tendes irmãs queridas; ó homens que tendes mães e esposas, não é roupa que usais! são vidas de criaturas humanas! Cose, cose, cose! Na pobreza, na fome, na lama; cosendo, ao mesmo tempo, com a mesma linha, tanto a mortalha como uma camisa.

«Cose, cose, cose! Trabalho que jamais abranda. E qual é o salario dêle? uma enxerga de palha, uma codea de pão e

uns trapos para vestir. Este telhado roto, este sobrado nu, aquela mēsa, uma cadeira partida; e uma parede de tal modo desguarnecida, que chego a dar graças á minha sombra por algumas vèzes lhe cair em cima!

«Cose, cose, cose! A' luz pallida de dezembro, e cose, cose, cose! quando o tempo está brilhante e quente, enquanto as andorinhas fazem os ninhos nos beirais dos telhados, como para me mostrarem as asas cheias de sol e me darem com a primavera na cara.

«Oh! quem me dêra respirar os perfumes da dôce madressilva, tendo o ceu por cima da cabeça e a relva debaixo dos pés, quando mais não fosse por uma hora! Sentir-me como era d'antes, quando não conhecia os horrores da necessidade, nem as caminhadas que custa um jantar!

«Oh! apenas uma hora e bem curta! O tempo de soltar um suspiro! Não, não queria essa hora para a esperança e para o amôr; queria-a para as minhas penas! Algumas lágrimas aliviar-me-hiam o coração; mas, nas suas células amargas, tenho de reprimir os prantos, porque me retardariam a linha e a agulha!»

Thomas Hood.

Dizem que Deus creou o homem livre, e os que isso dizem impõem condições ao homem em nome de Deus.

Mantsony.

Dicionário subversivo

(Continuado do n.º 16)

CRUMIRO — Expressão com que em alguns países são designados os operarios que em Portugal sempre se chamaram «carneiros» e que os franceses denominam «amarelos». Um jornal inglês, traçando a figura do *crumiro*, escreveu: — «É o ultimo a dar auxilio aos companheiros e o primeiro a pretendê-lo. Só respeita a si proprio; não enxerga alem do dia de hoje; e por dinheiro está pronto a traír amigos, familia, país».

D

DEMOCRACIA — Como a moral, varia com as latitudes. Assim o explica Le Bon: — Entre os latinos, a palavra *democracia* significa principalmente apagamento da vontade e iniciativa individuais, ante a vontade e iniciativa da comunidade representada pelo Estado. Entre os anglo-saxões, com especialidade na America, significa, pelo contrario, desenvolvimento intenso da vontade e do individuo, apagamento, tão completo quanto possível, do Estado.

DESPOTISMO — Calo do poder; só doe aos que o pisam.

DEUS — Personagem sem função reconhecida, em cuja existencia quasi ninguem acredita ou se acredita por habito, cuja intervenção na vida humana é, no entanto, indiscutível que

Coisas pitorescas

Depois de afirmar perentoriamente que nenhum anarquista pode, sem deixar de o ser, intervir seja como fôr, numa guerra, diz em *Tierra y Libertad*—de 21-4-915, um camarada:

«Y no se me diga que esta afirmación tan rotunda es discutible. Hay asuntos que no pueden discutirse, por ser lumbosissimamente palmarios. Su evidencia imposibilita todas las dudas. Prestarse a discutirlos es embarullarlos y dar señales de debilidad e inconsciencia. Pretender su discusion demuestra la obcecación más irreflexiva, por lo menos. En lo ostensible, en lo basamental, no son admisibles los terminos medios, los circunloquios, las ambigüedades, las desvirtuaciones ni los juegos de vocablos; no cabe más que ser o no ser.»

E depois de uma coluna de considerações analogas sobre o mesmo tema, declara que se todos os anarquistas da Terra seguissem a orientação de Kropotkine, ele sósinho continuaria «afirmando sin vacilaciones» varias coisas, e...

Repetiendo sin sesar y a todo rumbo que los anarquistas somos los aristocratas del pensamiento humano, residentes en la más alta cima da verdad, por lo cual no podemos descender poco ni mucho, bajo pena de suicidio moral; y arrostrándolo todo, hasta la muerte—y cien muertes si cien vidas tuvieran—antes que emporcar mis manos con ninguno de los instrumentos asesinos, mantenedores de la cautividad, del capital y de la religion.»

ninguem invoca a serio. (Bazilio Teles).

DIA DE JUÍZO — O ultimo, que ha de ser talvez o primeiro e unico em Portugal—quanto a juizo. (Camilo Castelo Branco).

DIREITO DE PERNADA—Foi abolido; não existe. Mas ha mulheres que são forçadas a entregar-se para obterem de comer para seus filhos ou para seus maridos ou para seus irmãos ou para si.

DITADURA — Absolutismo ás temporadas, ou então, como escreveu E. Regnault, instituição cujo principio é a aniquilação das vontades gerais e das particulares, um protesto odioso contra a intelligencia publica e privada, um despreso insolente de todo o direito e de toda a ideia do justo.

DITADURA DO PROLETARIADO — No dizer de Bernstein, é a ditadura de oradores dos clubs e de literatos.

DIVISÃO DO TRABALHO — Principio que mais contribuiu para aumentar as riquezas... e para aproximar os homens e tornar possível a nova ordem social que a humanidade traz em gestação.

DIVORCIO—Solução pseudo-revolucionaria. Não passa de um expediente. Livra um do outro, ao homem ou á mulher; mas, no dia seguinte, que abismo, se esta não tem trabalho assegurado ou propriedade sufficiente!

Nn.

(Continua).

Corrigindo

Na noticia — «A Tipografia» da secção *Publicações* do ultimo numero saiu: continua o relato, quando era contém o relato. E no «Corrigindo» appareceu isto: quando nós escreveremos *conservador*... e haviamos escrito: quando nós escreveramos *Conservadores*...

PUBLICAÇÕES

Fora da lei — Assim se intitula um panfleto semanal de que são autores os srs. Hermano Neves e Herculan Nunes, dois jornalistas muito conhecidos no nosso meio. É um folheto de 16 paginas, de aspecto atraente, onde os autores se propõem tratar das questões publicas, fora de partidos e grupos. É o seguinte, o sumario do primeiro numero:

Na Agonia — Alguns aspectos da situação politica que nos governa. Os chefes politicos republicanos estão de oratorio. A amnistia e as demissões de funcionario publicos. João Franco rehabilitado. Como pode fazer-se a restauração da monarchia. Uma farça ndecorosa. *Carta ao Tenente Francisco de Arabão* — Angola, estrangeiro. — Saudações ao Kaiser. — Os internados. Paz octoviana. — A indifferença perante os acontecimentos. — O medo. — Como em Portugal pensamos da Alemanha. — O pedido da Inglaterra. — Intervem a politica. — O fim da guerra europea. — Commentarios. — Liberdade de imprensa. — O tenente Constanção.

Fora da lei publica-se ás quintas-feiras, sendo o seu preço, 4 centavos.

Vozes do passado

O perigo alemão

Depois da implantação do segundo imperio francês, o centro da reacção deslocou-se para Paris; (até então, segundo Bakounine, estava em Berlim e não em Petersburgo como diziam os socialistas alemães) mas a Alemanha burguesa, com ciúmes deste monopólio, ao qual se sentia, mais do que qualquer outra nação, com um direito historico, trabalhou desde então, ardentemente, para o reconquistar em proveito de Berlim.

Atingiu o seu fim; o Imperio pangermanico está fundado e nunca o Ocidente se viu tão ameaçado, na sua liberdade, como depois que a Alemanha se tornou a nação mais poderosa da Europa. Os cidadãos Marx e Becker não dirão, certamente, que é o czar Alexandre II ou o principe Gostchakof que inspiram hoje a politica do sr. de Bismark, nem que foi o exercito russo que pilhou e massacrrou a França, nem a nobreza russa que inventou a insolência pomeraniana dos junkers alemães, nem que foram esses pobres negociantes de Moscow e Petersburgo que deram lições de entusiastica submissão á douta burguezia alemã, nem que foram enfim os sabios, os literatos e os jornalistas russos que inspiraram aos sabios, aos literatos e aos jornalistas do paiz mais civilizado da Europa, todas as tolices, todas as mentiras e todas as cobardias de que estão cheios os escritos desses senhores. Não, caros cidadãos, todas essas belas coisa são flores indigenas da vossa patria dos *Vergismen nicht*, (não me esqueças) que a Europa nunca poderá esquecer.

Miguel Bakounine.

(Pages inédites, escritas em 1872. Bataille syndicaliste, 19-11-914).

A minha carteira

O dia de 8 horas

Não é facil — escreve Reven-ga — precisar o momento em que surgiu, na classe operaria, o desejo de encurtar o dia de trabalho, nem tampouco determinar quando nasceu a formula que expressou este desejo com a frase dos tres oitos, dividindo o dia em tres partes: uma dedicada ao trabalho, outra ao recreio e á instrução e outra ao somno.

Talvez, como aventou o economista Paul Leroy Beaulieu, esta proporção aritmetica nascesse na imaginação de alguns filosofos, e pela sua propria simplicidade, se propagasse rapidamente entre a classe operaria. Mas o certo é supõem alguns que a ideia dos tres oitos se manifestou pela primeira

vez em 1889, em um congresso operario.

A proposito disto escrevia Alonzo de Baraza em *El Liberal*:

«Os tres oitos e outro mais formavam já o estribilho de uma canção popular inglesa, e literalmente a apresentou um delegado operario, como programa, no congresso das *Trades-Unions* verificado em Liverpool em setembro de 1890. Não o apresentava como procedente dos Estados-Unidos, nem o repetia como já adoptado em outros congressos. Fazia-o seu daquela canção que diz:

«Oito horas de trabalho, oito horas de recreio, oito horas de somno, oito «shillings» por dia.»

E um curioso investigador, por seu lado, descobriu um edito do rei Filipe II de Espanha, «o tenebroso solitario do Escorial», datado de 1578, em que se estabelece, entre as condições do trabalho nas minas do Condado de Borgonha, que os operarios trabalhem 8 horas por dia, «em duas entradas de quatro horas cada uma».

Seja da forma que for, o que pode afirmar-se é que a nova organização da industria e a formação de grandes centros fabris em cidades de enorme superficie e população foram a causa das primeiras lutas entre patrões e operarios, pela redução do dia de trabalho.

Aponta-se como inicio dessas lutas a greve dos operarios da construção civil e dos arsenais de Nova York, em 1825, que pretendiam trabalhar dez horas diarias, em vez de dose e tres.

Modernamente a tendencia da Inglaterra, America do Norte, Belgica e em geral dos paises industriais acentuara-se no sentido de tornar curtos os dias de trabalho, conservando pelo menos os salarios que os operarios recebiam d'antes com os longos dias. O dia de 8 horas deu entrada na legislação — mesmo entre nós, o que não quere dizer que os operarios podem deitar-se a dormir.

Recordação

Thomas Hood, poeta inglês, nasceu em Londres, a 23 de maio de 1799 e morreu a 3 de maio de 1845.

Filho do sócio de uma livraria, em 1821 foi nomeado sub-director do «London Magazine», que tinha como colaboradores muitos escritores distintos. Ahí publicou, com Reynolds, Odes anonimas, que foram atribuidas a Lamb. Os *Caprichos e Singularidades* (Whims and Oddities) que apareceram pouco depois, deram-lhe a reputação de um dos primeiros humoristas do seu tempo. Na pintura dos ridiculos e na sátira de costumes era de uma bondade e de uma correção extremas. Juntava ao *humour* uma imaginação delicada e uma sensibilidade profunda. As suas melhores composições são de penetrante melancolia. Entre as mais conhecidas, em geral curtas, conta-se a «Canção da camisa» (Song of the shirt), cujo efeito na Inglaterra foi imenso. E' o quadro desolador dos sofrimentos de uma operaria, exaurindo-se num trabalho sem descanso e insufficientemente retri-

buido. E' um pequeno poema do trabalho, da pobreza e da fome.

Os alfinetes

A fabricação dos alfinetes comuns necessita um grande numero de manipulações desde a materia prima até o produto acabado e pronto para a venda. Todas as suas fases são contudo executadas por maquinas, de modo que o custo de fabrico é notavelmente baixo.

Começa com o funcionamento de um par de maxilas que agarram a extremidade de um arame de lação enrolado numa bobina e puxam um comprimento correspondente ao tamanho dos alfinetes; o fio passa sobre rolos de aço que servem para o endireitar. O fio é agarrado por duas mandibulas, e uma tesoura corta o comprimento suficiente para fazer um alfinete. Fica de fora da mandibula um pequeno comprimento de arame para fazer a cabeça. Esta ultima é formada por meio de tres pancadas rapidas de um martelo que avança cerca de um milimetro a cada pancada.

Os alfinetes soltam-se então da mandibula e caem num plano inclinado que se acha por baixo e por onde correm; neste plano existem regos sufficientemente largos para admitirem as hastes, mas que não deixam que a cabeça do alfinete passe atravez. A' medida que os alfinetes se movem para baixo no plano inclinado as pontas tem contacto com um cilindro rotativo que se acha por baixo. Este cilindro, cuja superficie é como uma lima, vem em contacto com os alfinetes só de um lado, á medida que se movem ao longo dos regos. Isto faz com que eles revolvam, de modo que a lima rotativa aguça-os de todos os lados. Os alfinetes caem em seguida em receptaculos e são limpos da gordura pela imersão numa solução alcalina.

E concluir-se-á.

A fechar

De C. Malato:

«Os sindicatos operarios podem não ser perfeitos — e certamente não o são —, podem ter como todo o agrupamento humano os seus elementos deteituosos, mas que importa! Os batalhões comunistas ou as secções do ano 2.º, foram por acaso compostas unicamente de irrepreensiveis? Bem pobres revolucionarios são aqueles que, vendo em ebulição uma força capaz de erguer em tempestade as multidões, recusam reconhecê-la e lançam-lhe o anatema por puro doutrinarismo.

Um magico.

A' volta do mundo

Terça, 20

Austria-Hungria—Repetem se os tumultos em Trento.

Quarta, 21

Austria-Hungria—Tumultuosa manifestação em Trieste. São atacados os principais armazens de viveres, as instalações de policia e o palacio do governador, aos gritos de «Pão!» e «Viva a Italia!». Centenas de prisões.

Sexta, 23

Espanha — Realiza-se em Ferrol um

comicio preparatorio do congresso internacional da paz.

Inglaterra—Diz-se em Londres que foi rejeitada por 570.000 operarios contra 135.000 a proposta de greve geral dos mineiros ingleses.

Sabado, 24

Italia—Afirma-se que um grupo de socialistas intransigentes resolvera, para a eventualidade da mobilização italiana, provocar a greve geral.

Austria-Hungria—Ha noticias de grande agitação em Praga, de insubordinações militares em diversos pontos, de tumultos por causa do pão em Styria, Friul oriental e Goritz, de desordens em Vienna, etc..

Domingo, 25

Italia—Diz-se que uma fracção dos socialistas neutralistas declarou que renunciava á greve geral no caso da Italia entrar na guerra.

Turquia—As forças aliadas desembarcam em varios pontos da península de Galipoli.

Segunda, 26

Italia—Diz-se que a Confederação Geral do Trabalho Italiana renunciou a declarar a greve geral no caso de se fazer na Italia a mobilização.

VIDA ASSOCIATIVA

União dos Sindicatos Operarios — Reuniu no dia 26 a assembleia de delegados com a presença de de 31 delegados representando 24 sindicatos.

A Associação de Classe dos Polidores de Moveis, nomeou os seus delegados bem como a Associação dos Construtores de Macadam. Os Pregueiros Mecanicos enviaram os seus estatutos e a nota da população associativa. Na ordem dos trabalhos, Joaquim Nogueira, delegado do União dos Sindicatos Operarios ao Congresso do Ferrol, expôs á assembleia o seu modo de ver sobre a actual conflagração europeia, sendo dispensado da leitura do seu relatorio. Foi nomeado uma comissão de 3 membros para, conjuntamente com a comissão pró-presos sociais, tratar das libertações dos camaradas presos e que a ultima anistia não abrangeu. Resolveu-se que os delegados operarios eleitos para a Comissão Administrativa das Bolsas de Trabalho compareçam na proxima assembleia que se realiza no dia 4 de maio. Ainda se tratou da delegacia dos Inscritos Maritimos á União, sendo apresentadas duas moções, cuja votação se deve efectuar no principio da proxima assembleia.

— Na terça-feira, 4 de maio, ás 20 horas, reúne a assembleia de delegados, sendo necessario que todos compareçam.

Em proveito do "Germinal"

Foram-nos oferecidos

e encontram-se á venda na nossa administração as seguintes publicações:

- A Anarquia, por E. Malatesta (2.ª edição) .. 5 cent.
- Le Salariat, por P. Kropotkine 2 "
- Organisation, Initiative, Cohésion, por J. Grave 2 "
- Le Parlamentarisme contre l'action directe, por A. Girard e M. Pierrot 2 "

A Revolta

Quinzenario anarquista. Aparece hoje, 1 de maio. Redacção: Rua Sá da Bandeira, 11, 2.º—Coimbra.